





Capa detalhe do quadro
Vista de São Paulo (p.15)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Direito à poesia : Agostinho Batista de Freitas /
[curadoria Vilma Eid, João Grinspum Ferraz]. --
São Paulo : Galeria Estação, 2008.

Vários colaboradores.

1. Artes plásticas - Brasil 2. Freitas,
Agostinho Batista de, 1927-1997 3. Pintura -
Brasil I. Eid, Vilma. II. Ferraz, João Grinspum.

08-09210

CDD-759.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Pintores brasileiros : Apreciação crítica
759.981

Realização:



Apoio:





Direito à Poesia

Agostinho Batista de Freitas





Vista de São Paulo do Parque Dom Pedro
20x50cm





Conheci Agostinho no início dos anos 90. Eu já tinha vários trabalhos seus na coleção, mas faltava conhecer o homem. Rugiero levou-o ao meu escritório e aquela figura baixinha, um pouco atarracada e com cara de poucos amigos, logo me interessou. Logo, ele passou a visitar-me e, de tempos em tempos, levava algum trabalho que eu comprava. Batíamos um papo, ele ia embora e eu ficava ali pensando que extraordinária a história, a vida e o trabalho daquele artista!

Depois de sua morte a obra dele quase caiu no esquecimento. Nunca mais foi feita uma exposição, os trabalhos que aparecem nos leilões, mesmo os bons e com valor de compra baixo, nem sempre são arrematados. Essa é uma injustiça que não podemos mais deixar que aconteça.

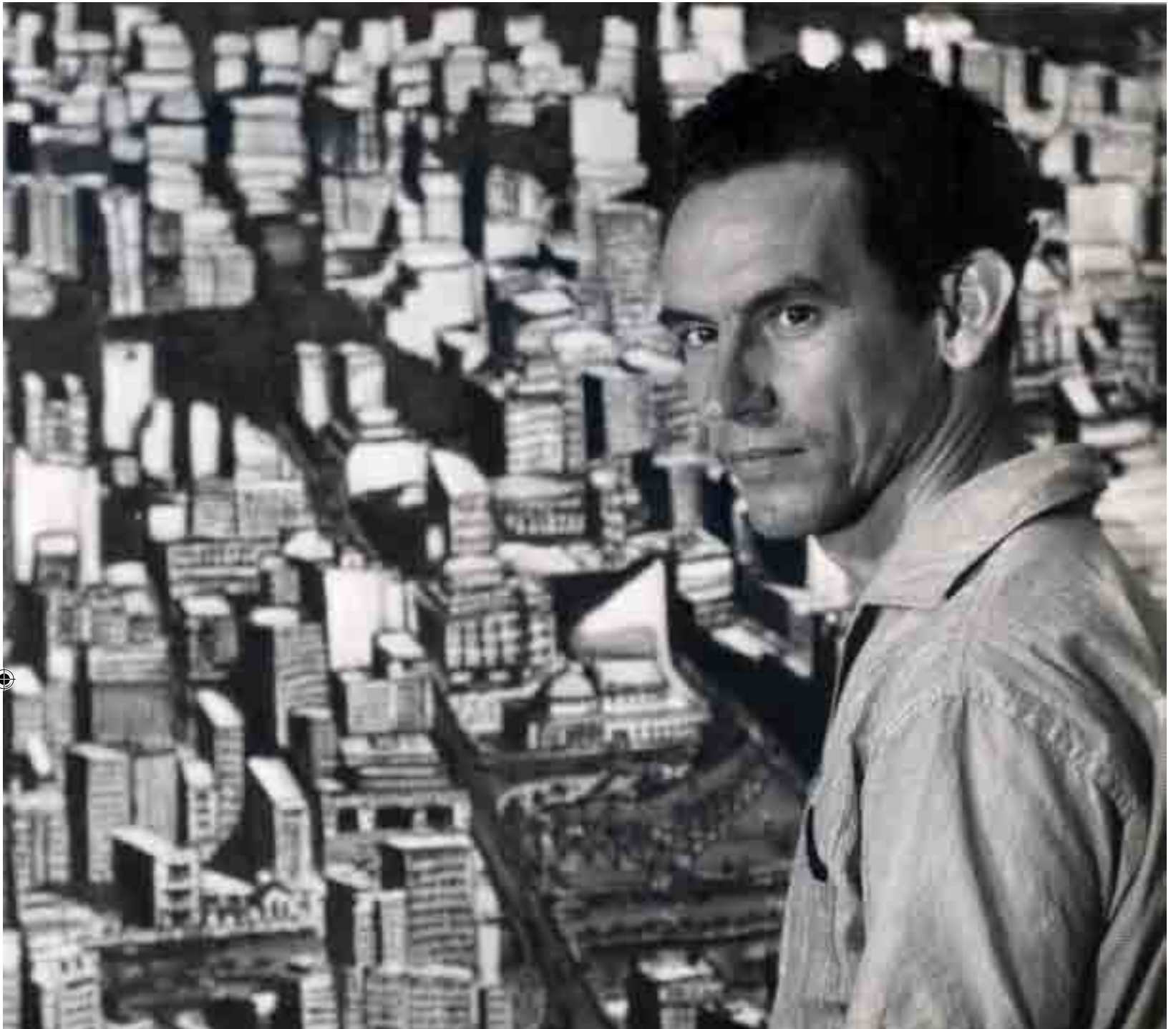
Dando continuidade ao trabalho do Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro - IIPB -, esta exposição, a primeira desde sua morte, tem o objetivo de resgatar a memória e a obra de Agostinho Batista de Freitas. Encontramos estes trabalhos com importantes colecionadores: são pessoas que, por sua grande sensibilidade e conhecimento, entendem e respeitam a obra de Agostinho.

Não é uma retrospectiva nem pretende expor toda sua vasta obra. Fizemos um recorte selecionando os temas centrais em sua obra, o urbano, a roça e os folguedos populares, que julgamos ser o melhor e o mais surpreendente.

Nossos agradecimentos a todos que acreditaram na importância desta mostra e colocaram à nossa disposição trabalhos dos quais raramente se separam.

Vilma Eid
Presidente do Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro





Agostinho diante do quadro
Vista de São Paulo (p. 15)





Direito à Poesia: Agostinho Batista de Freitas

“Captar nossa vida; e também a dos outros; pois o estilo para o escritor como para o pintor é um problema não de técnica, mas de visão. (...) Só pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que vê outrem de seu universo que não é o nosso, cujas paisagens nos seriam tão estranhas como as porventura existentes na Lua.”

PROUST, Marcel. *O Tempo Redescoberto*. São Paulo: Globo, 2001. p. 172

Em algum momento, em meados do século XX, os olhos de críticos e marchands das artes plásticas brasileiras pareciam muito atentos a tudo aquilo que poderia surgir em lugares até então improváveis. Essa gente, que andava em busca dos impulsos criativos que definiriam uma produção cultural própria brasileira, retirava os seus olhos dos palcos tradicionais das artes plásticas - museus, salões e galerias - em busca de formas de expressão artística que pudessem emergir do povo sem passar pelo filtro academicista e elitista dos palcos tradicionais da crítica.

Fora notável a descoberta de um pintor como Volpi que, de pintor de paredes, converteu-se em grande cânone da pintura nacional; ou mesmo da descoberta da pintura de Heitor dos Prazeres, nos anos de 1940 no Rio de Janeiro. Esses exemplos abriam as portas para que os observadores das artes pudessem reconhecer naquilo que havia de mais simples - e até mesmo precário - soluções artesanais riquíssimas, que poderiam traduzir a realidade, a expressão e o imaginário de grandes parcelas da população brasileira com maior autenticidade e precisão.

Os marcos fundamentais dessa atenção em relação à produção artística popular brasileira foram as exposições “Bahia no Ibirapuera”, em 1959, e “A Mão do Povo Brasileiro”, em 1969. Ambas foram idealizadas pelo casal italiano Lina Bo e Pietro Maria Bardi, que havia chegado ao Brasil em 1946 e, por iniciativa de Assis Chateaubriand, haviam criado, em 1947, o Museu de Arte de São Paulo (MASP). Contrapondo-se à idéia de que existe uma arte “popular”, “primitiva”, “folclórica” ou “espontânea”, Lina e Pietro consideravam existir apenas a plenitude da expressão estética do homem, “que não mais admite divisões em categorias ou compartimentos estanques”².

² BARDI, Lina Bo; GONÇALVES, Martim. “Bahia no Ibirapuera”. In FERRAZ, Marcelo C. *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1993. p. 134

E foi justamente Pietro Maria Bardi, diretor do MASP, que, em 1952 descobriu nas ruas de São Paulo - diz-se que no Viaduto do Chá - o trabalho de Agostinho Batista de Freitas, artista que vendia desenhos como forma de sobreviver. Já naquela época, chamava a atenção em sua obra o talento na representação das paisagens urbanas. Pietro fez-lhe a encomenda de uma pintura, deu-lhe tintas a óleo e tela e colocou-o sobre um edifício no centro de São Paulo. Dalí, Agostinho pintou a vista da cidade de São Paulo, quadro que permaneceu com o “professor” Bardi até seus últimos dias.

³ Maurice Valadon Utrillo, 1883- 1955.

O “professor” Bardi via em Agostinho grande talento na composição de perspectivas urbanas e na captura de cenas cotidianas da cidade; chamava-o de o “Utrillo Brasileiro”, em alusão ao pintor francês Maurice Utrillo³, da Escola de Paris do início do século XX. Utrillo era um mestre em retratar as paisagens do bairro de Montmartre em Paris. Agostinho fazia o mesmo em São Paulo.

⁴ Henri Rousseau, “le Douanier Rousseau”, 1844-1910.

Com o passar do tempo, Agostinho passou a retratar não só a cidade de São Paulo, mas também paisagens de outras cidades - de fazendas, da roça, de festas populares, bichos e plantas. Trabalhos que nos remetem à obra de Henri “Douanier” Rousseau⁴, pintor francês do final do século XIX e início do XX.

⁵ BARDI, Lina Bo; GONÇALVES, Martim. *Op. cit.* p. 134.

Agostinho Batista de Freitas remanesce hoje como um observador atilado, e insere-se na linhagem direta dos grandes observadores da terra Brasil, aquela que vai de Franz Post e Carlos Julião até Alberto da Veiga Guignard. Agostinho não foi treinado nas técnicas clássicas da pintura: preparava suas telas e usava as tintas a seu bel-prazer. Mas fazendo tudo à sua maneira, foi um grande paisagista que conquistou, nas palavras de Lina, “o direito à Poesia”⁵.

João Grinspum Ferraz
Curador





Cemitério Chora Menino
50x70cm





Agostinho Batista de Freitas

Uma convivência de décadas marcou minha proximidade do artista Agostinho Batista de Freitas. Tive o privilégio, a partir de 1974, de cuidar parcialmente de sua carreira. Já em 1978 pude reunir obras de grande qualidade para uma individual que veio a merecer a atenção de Olívio Tavares de Araújo, em matéria publicada pela Revista Veja. Pouco depois, uma nova apreciação na mesma revista, com texto de Pietro Maria Bardi, saudava sua individual na Galeria Paulo Figueiredo, nome que logo associamos à arte contemporânea. Esse marchand histórico, prematuramente afastado do mercado por problemas de saúde, foi um dos mais bem informados que conheci, capaz de ver a arte popular como uma das manifestações da contemporaneidade, como ocorre em centros mais evoluídos, mas não aqui, onde a desinformação, o cartelismo e o preconceito ainda ditam as regras.

Agostinho já havia participado de mostras importantes, entre elas a Bienal de Veneza, e gozava de amplo reconhecimento. Ainda assim, como lamentavelmente ainda acontece em relação a nossos mestres populares, uma barreira de indiferença e esnobismo se erguia contra sua trajetória.

A importância de Agostinho, a meu ver, é muito maior do que se admite: não existe em parte alguma um primitivo urbano que tenha construído uma obra de tal consistência, utilizando a iconografia de uma cidade. Pietro Maria Bardi o chamou “o Utrillo de São Paulo”, consciente dessa qualidade. Agostinho, descoberto pelo fundador do Masp em 1950, quando vendia seus pequenos quadros no viaduto do Chá, é um artista sem paralelo na arte internacional e, ao lado de Odilon Nogueira e Manoel Martins, forma o grupo mais representativo dos grandes paisagistas paulistanos.

Mas Agostinho, por sua natural inclinação à paisagem, também permaneceu ligado tematicamente ao campo, onde nasceu e viveu, na zona rural de Paulínia, SP, até os 14 anos. Quando o conheci, incentivei-o a dedicar-se a formatos maiores, pois suas pequenas e médias telas exigiam claramente mais espaço para se expandir. O resultado foram quadros de uma beleza estonteante, verdadeiras “janelas” para se apreciar o mundo.

Bardi chamou a atenção para o seu senso inato de composição e perspectiva. Mas o artista é também um colorista excepcional e um mestre no manejo da luz. Não me ocorre nenhum outro pintor no Brasil que saiba usar a cor verde como ele. O verde é o grande desafio dos pintores, pois é a cor que tem mais matizes e a que pode desequilibrar ou harmonizar uma tela. É há uma qualidade, cada vez mais rara, que também é preciso ressaltar: trata-se de um pintor de coragem ímpar. Agostinho não tem medo de ousar. Enfrenta temas difíceis e usa com frequência cores no limite do kitsch. Nunca foi de se utilizar continuamente de fórmulas repetitivas, como, de forma acomodada por certo, o fazem tantos best sellers do mercado.

Esta mostra revela as principais direções para onde apontou seu interesse criador. Embora com menor frequência, Agostinho retratava animais com desenvoltura. Era um arguto observador de escolas, favelas, a vida na periferia, circos e parques de diversões. Tinha fascinação por estradas. Apreciava cenas religiosas e folclóricas. Suas colheitas e descrições do trabalho rural demonstram a plena vivência desses temas. E sobretudo ganham destaque suas magníficas paisagens paulistanas, que marcaram profundamente sua carreira e lhe granjearam admiração e respeito. Sua importância documental, além da artística, cresce a cada dia, no ritmo das transformações da cidade.

Um quadro aqui exposto chamou minha atenção: um cemitério, tema pouco frequente entre artistas. Reconheci imediatamente o local. Trata-se do cemitério do Chora Menino, na zona norte de São Paulo, no exato trecho em que o artista está sepultado. Um trabalho premonitório, feito muitos anos antes, mostrando que Agostinho sabia exatamente onde permaneceria, a contemplar sua derradeira paisagem da cidade. E de onde se descortina um por de sol repleto de rubros e ouros para os lados do Pico do Jaraguá.

Roberto Rugiero







Caso natural, para quem entrou na dança das artes, não fazer distinção entre os participantes da festa, valendo o mestre mais famoso, o amanuense (porque não acadêmico), o primitivo, todos que, bem ou mais ou menos, sabem desempenhar seu ofício. Deste caso a insígnia para entrar no recinto é Pintura, ingresso não permitido aos penetras.

Quantos os envolvidos no movimento! Encontrei, e encontro continuamente, centenas. Mas de alguns casos me lembro com particular prazer, às vezes casos curiosos, como este que agora me leva a contar como conheci Agostinho Batista de Freitas.

Voltemos atrás no tempo, há uns trinta e tantos anos, quando ainda armava o Masp. Os boatos na São Paulo recém promovida a capital das artes, eram unânimes no espalhar a má notícia de que a performance daria em nada. Demonstrações: na vitrina de objetos históricos, desde o Egito até o novecentos, apresentava nosso século por meio de uma máquina de escrever. E mais: intercalados às obras de Mantegna, Bellini, Picasso, Portinari, havia nada menos que telas de pintores domingueiros.

Um dos meus favoritos era, e continua sendo, o Agostinho. Encontrei-o por acaso, desenhando na calçada, diante do edifício da Light. Fácil descobrir seu talento. Conversei com o simplório, vendo seu penchant pela paisagem urbana, e combinei de lhe oferecer uma tela, tintas, pincéis e uma permissão para subir até a crista do prédio do Banco do Estado; incumbência: - Você me reproduz uma vista total de São Paulo. A resposta foi automática: - Pois não. O que me consignou foi uma obra-prima. Empréstimo-a para esta exposição individual do pintor. É um dos quadros que publiquei não sei quantas vezes, a começar pelo meu antigo livro 'The Arts in Brazil - a new Museum at São Paulo', para oferecer ao leitor o mais esplêndido panorama da cidade.

Constatem: tudo observado, tudo na perspectiva mais certa, detalhe por detalhe, uma visão não abstrata, nem informal, nem concreta, nem não sei qual interpretação.

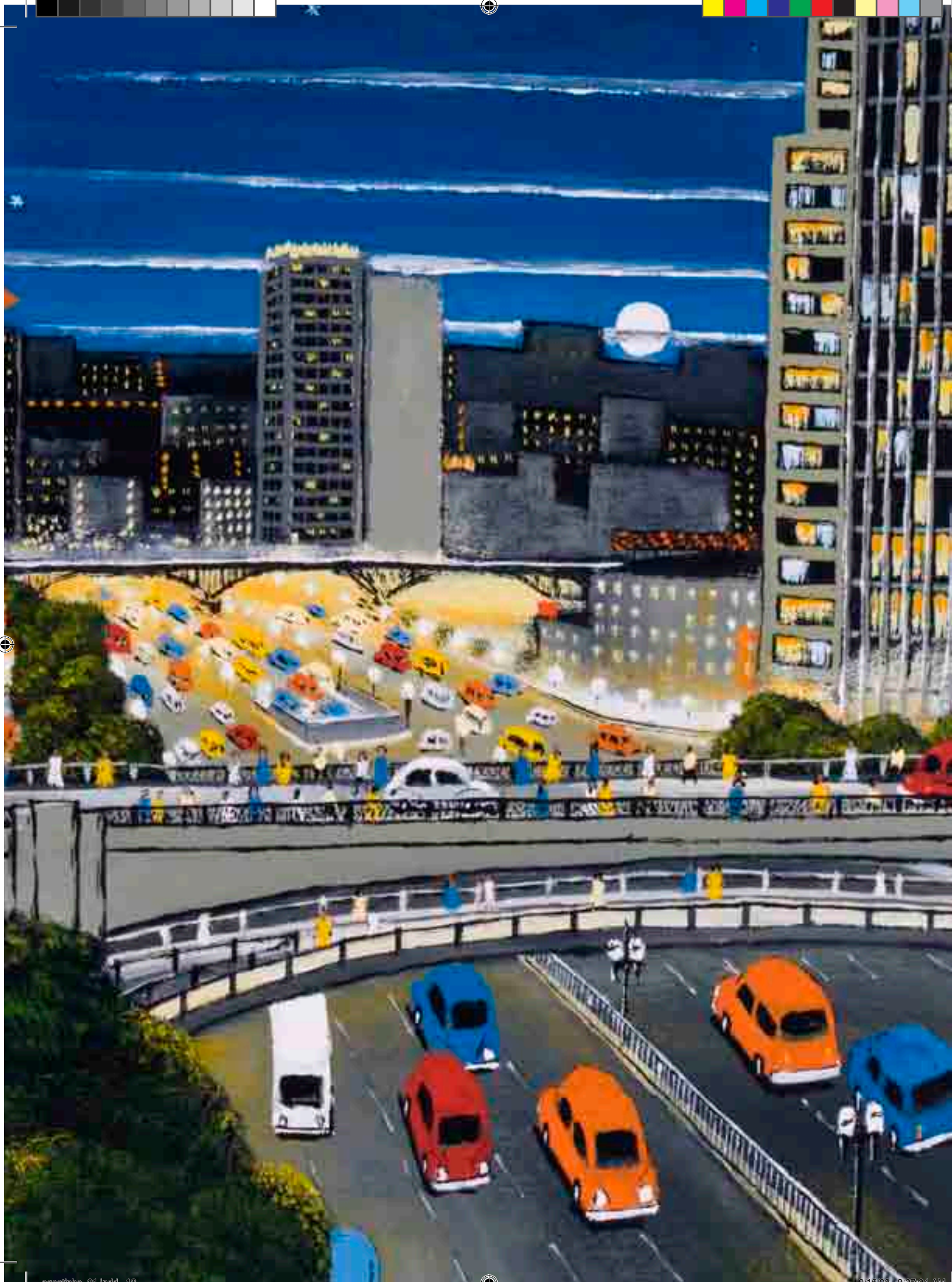
Agostinho, desde aquele tempo, tornou-se meu amigo, e tudo o quanto pude fazer para ele ser conhecido, cumpri com convicção. Esteve trabalhando, sempre atencioso, paisagista nato, sempre o mesmo manifestar genuíno.

É considerado um primitivo. Para melhor definir Agostinho diria: um dos nossos "naifs": ingênuo por natureza, simplificador festivo do que pinta, um mestre popular, instintivo, isolado, dono de um artíficiar que, nos anos 30 chamavam, em nova York, a arte do homem comum ou arte não conceitual.

Trata-se de um complemento da cultura, estranho, impassível ao se desenvolver das agitações hodiernas. Agostinho é o que é: um pintor.

P.M. Bardi







urbano







Vista de São Paulo
84x100cm





Largo do Paissandu

38x46cm





Museu do Ipiranga
60x75cm





Largo São Francisco
30x40cm





Rua da Periferia
40x60cm





Praça da Sé
90x150cm

20





São Paulo Noturno
150x90cm





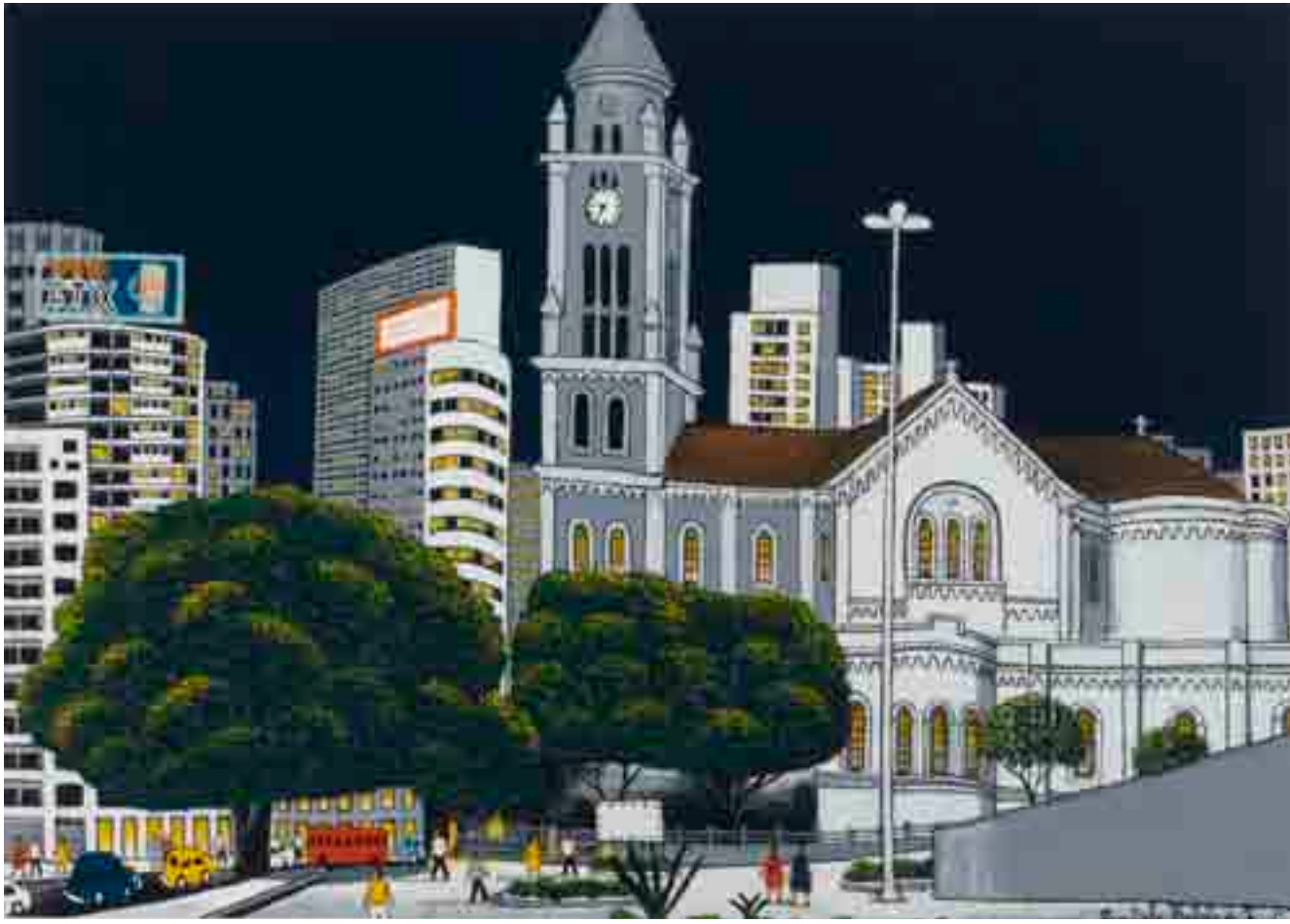
Teatro Municipal
80x110cm





Anhangabaú
70x100cm





Igreja da Consolação
65x85cm





Ibirapuera
70x100cm





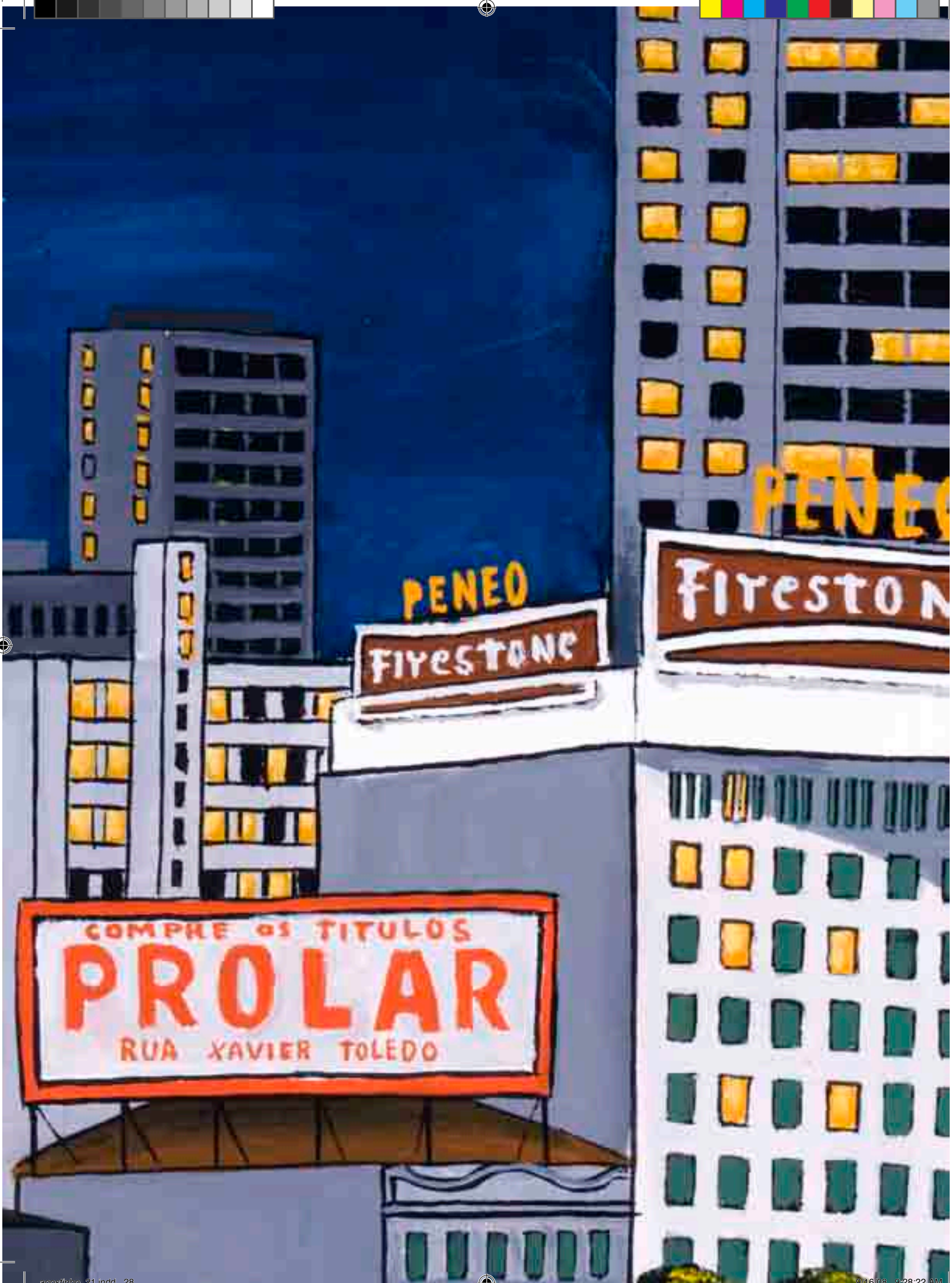
Vista do MASP
70x95cm





Vista do MASP
75x90cm







Anhangabaú
75x100cm





Líbano
80x120cm

30





Rio de Janeiro
50x75cm





Vista do MASP
80x120cm





São Paulo Noturno
70x100cm

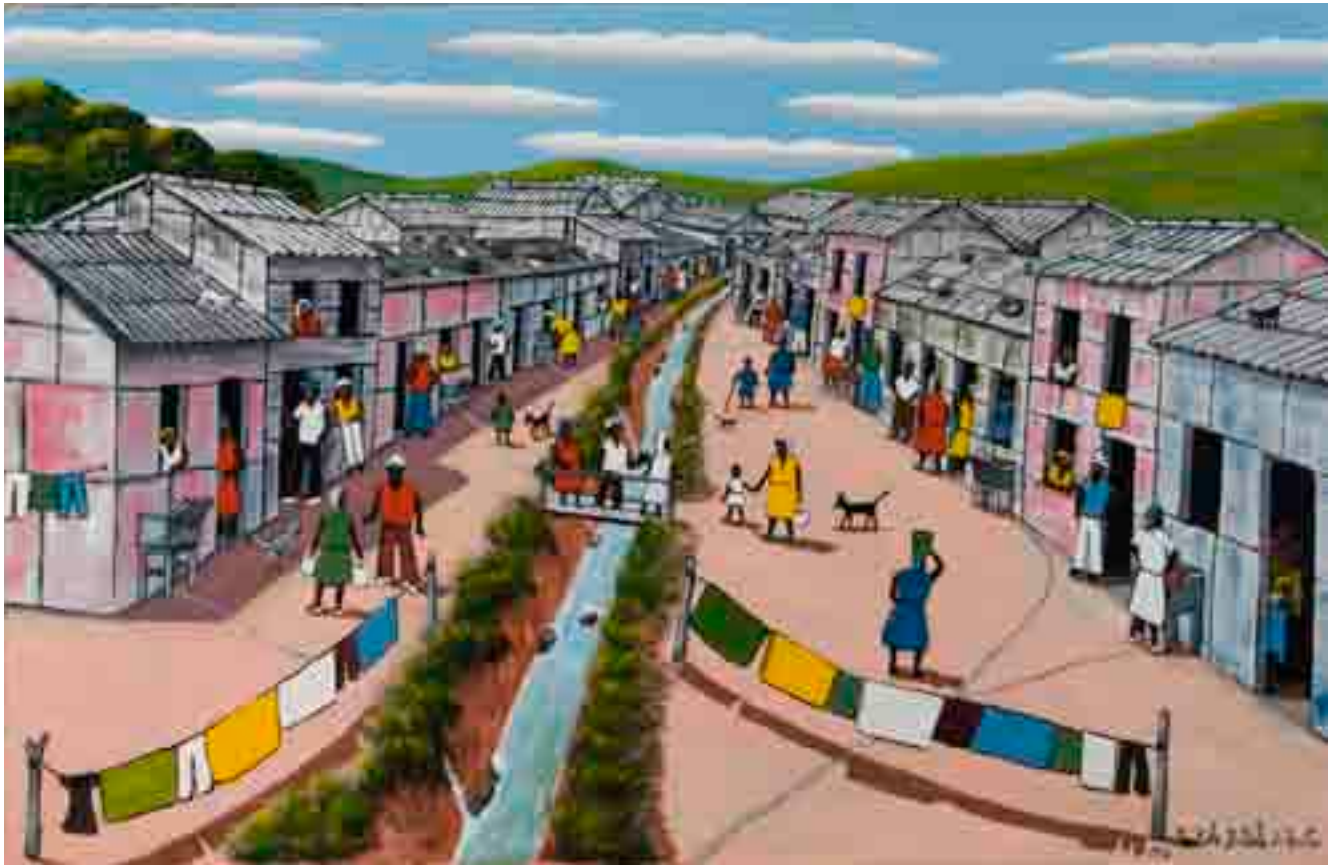






Congonhas
55x120cm





Favela
55x90cm





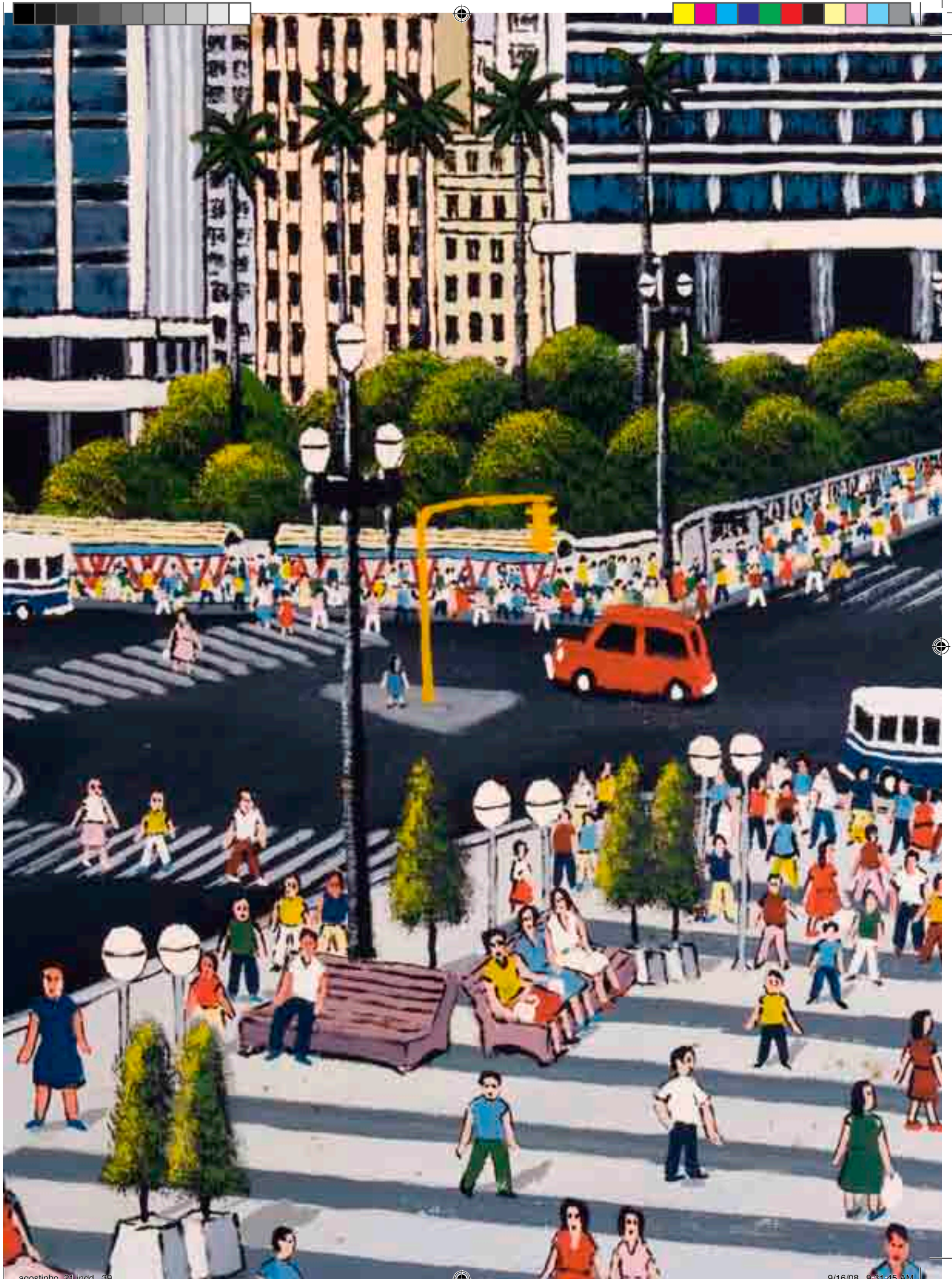
Favela
70x90cm





Teatro Municipal
75x100cm







Anhangabaú
80x120cm

40





Anhangabaú
80x120cm





Centro de São Paulo
40x50cm





Centro de São Paulo
40x50cm





Congonhas
70x100cm





Anhangabaú
40x50cm





Periferia Noturna
55x65cm





Periferia Noturna
45x70cm





O Utrillo de São Paulo

Ainda tenho nítida na memória aquela tarde, no início dos anos 50, quando passava pelo Viaduto do Chá. Minha atenção foi despertada por uma figura que fazia, muito compenetrada, desenhos em frente ao prédio da Light. Ao bater os olhos no que ele desenhava, vi imediatamente que ali estava um artista de verdade, alguém que conhecia profundamente composição e perspectiva. Para mim não importa se a gente encontra um artista numa galeria, na rua ou num museu. Puxei conversa e ele me disse ser eletricitista de profissão. E eu lhe respondi: “na minha opinião você pode perfeitamente dedicar-se somente à pintura”. Tanto assim que lhe encomendei imediatamente um trabalho. Propuz que ele subisse ao Banco do Estado e lá de cima registrasse uma vista panorâmica de São Paulo. Ele topou, com toda simplicidade. Reuni com uns amigos tela, pincéis e tinta, que lhe entreguei. Esse quadro, que hoje está no meu quarto de dormir, mesmo decorridos tantos anos, eu reputo como a mais bela paisagem de São Paulo que alguém já pintou. E um quadro belíssimo, e está reproduzido no meu livro “The Arts in Brazil”. Nunca um artista havia feito por aqui nada parecido. E desafio qualquer pintora fazê-lo. Desafio mesmo. Esse quadro - um dia pertencerá ao Museu de Arte de São Paulo - eu o apresentei na Bienal de Veneza de 1961, onde os trabalhos do Agostinho estiveram ao lado dos de José Antônio da Silva, de Arthur Piza e Sérgio Camargo. Lá ele causou uma enorme impressão e muita gente quis comprá-lo. Foi nessa ocasião que apelidei o Agostinho de “Utrillo de São Paulo”, porque nenhum pintor conseguiu expressar de uma forma tão comovente o seu amor por esta cidade.

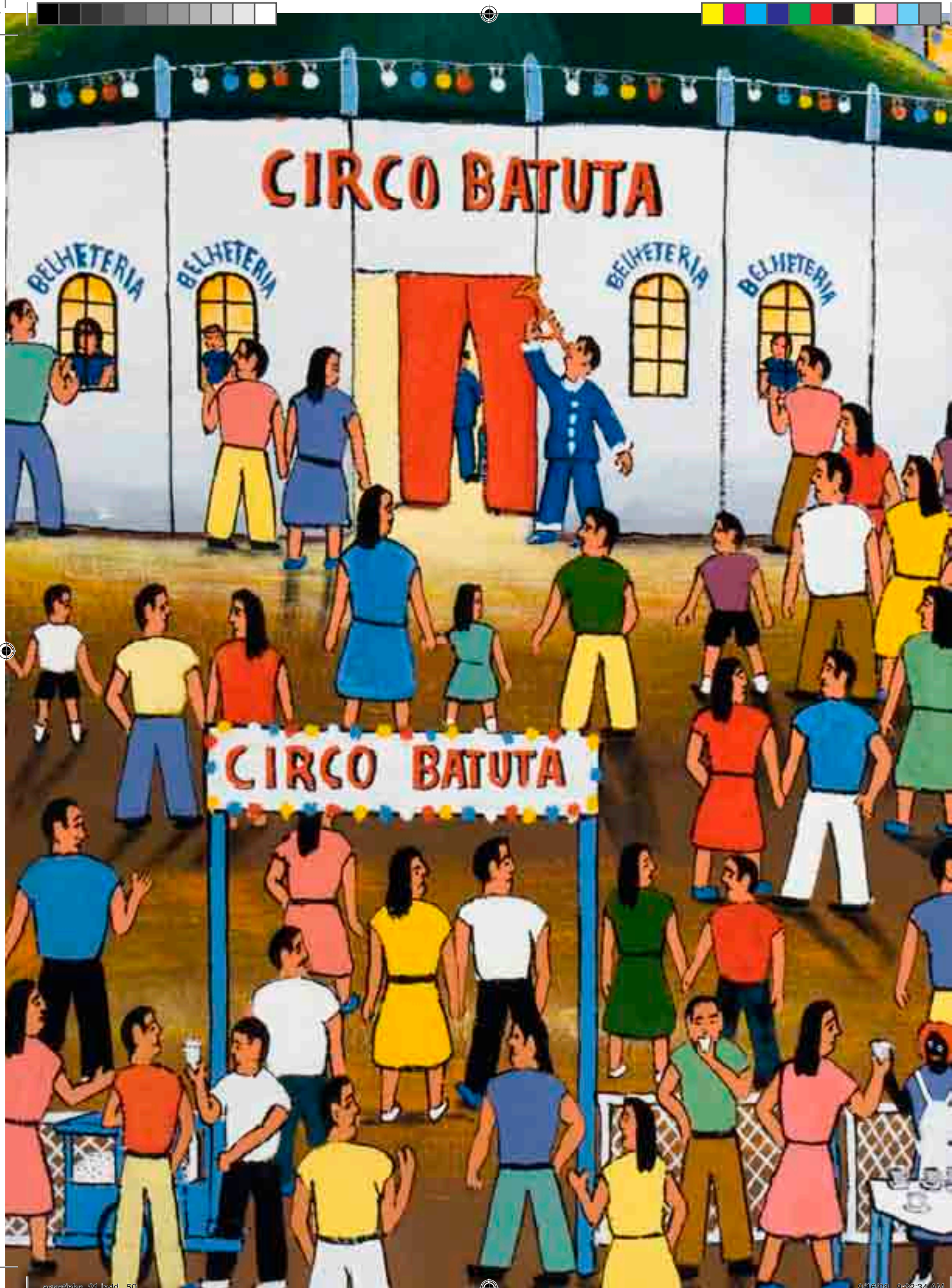
P.M. Bardi





Vista de São Paulo
100x140cm







folguedos populares







Festa Japonesa no Bairro da Liberdade
50x60cm





Grupo Escolar
50x70cm

54





Procissão
60x75cm





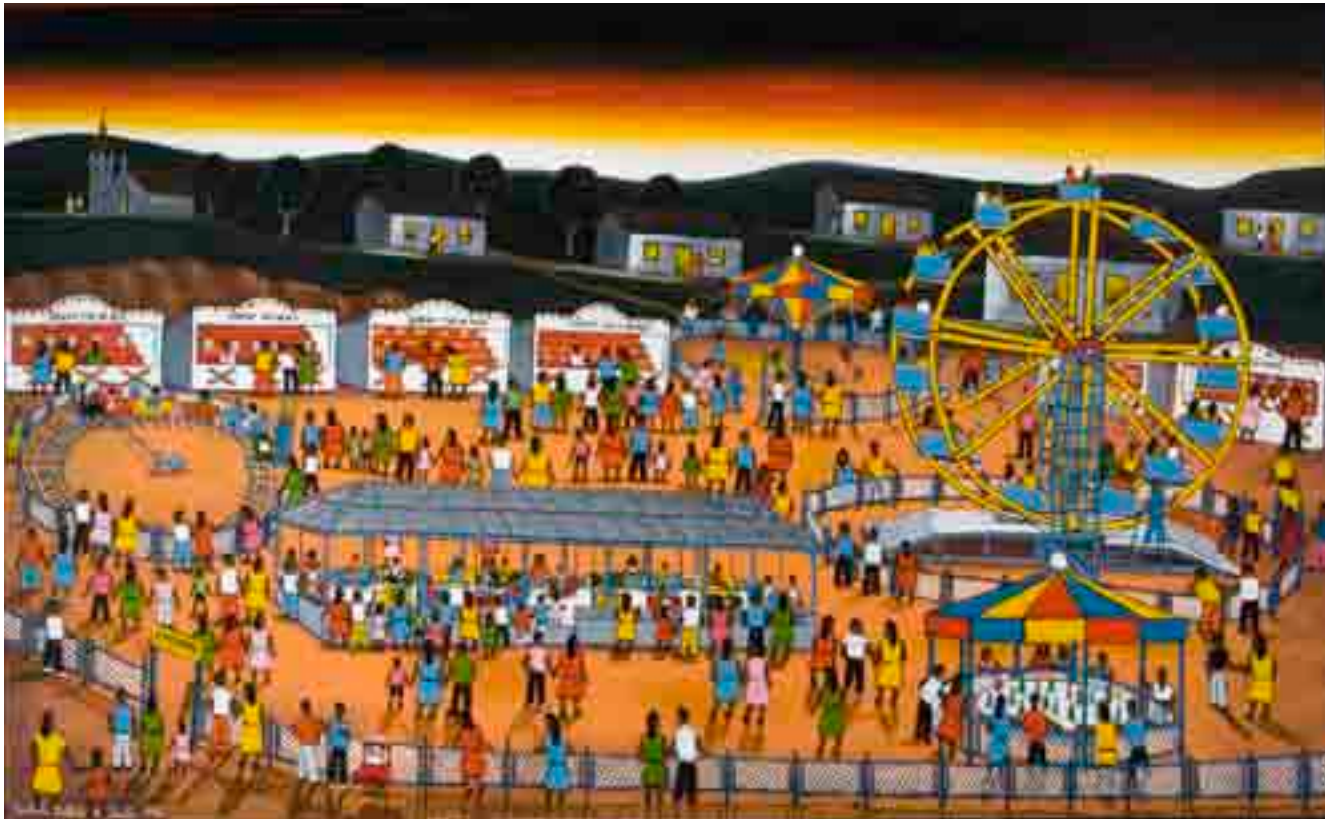
Igreja do Bonfim
50x70cm





Igreja do Bonfim
40x60cm

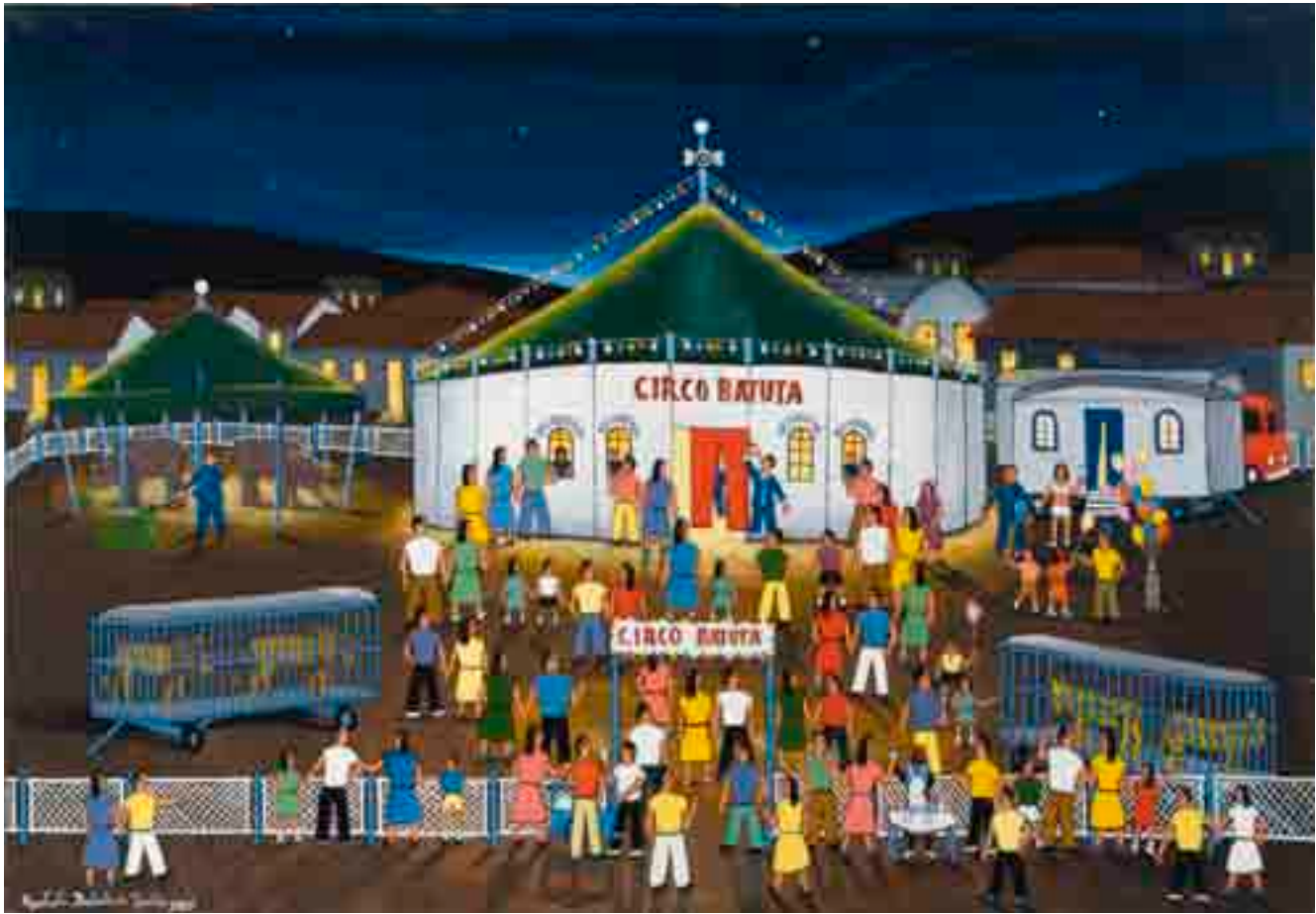




Parque de Diversões
90x145cm

58





Circo Batuta
70x100cm





Pacaembu
80x120cm

60





Estádio do Morumbi
80x150cm

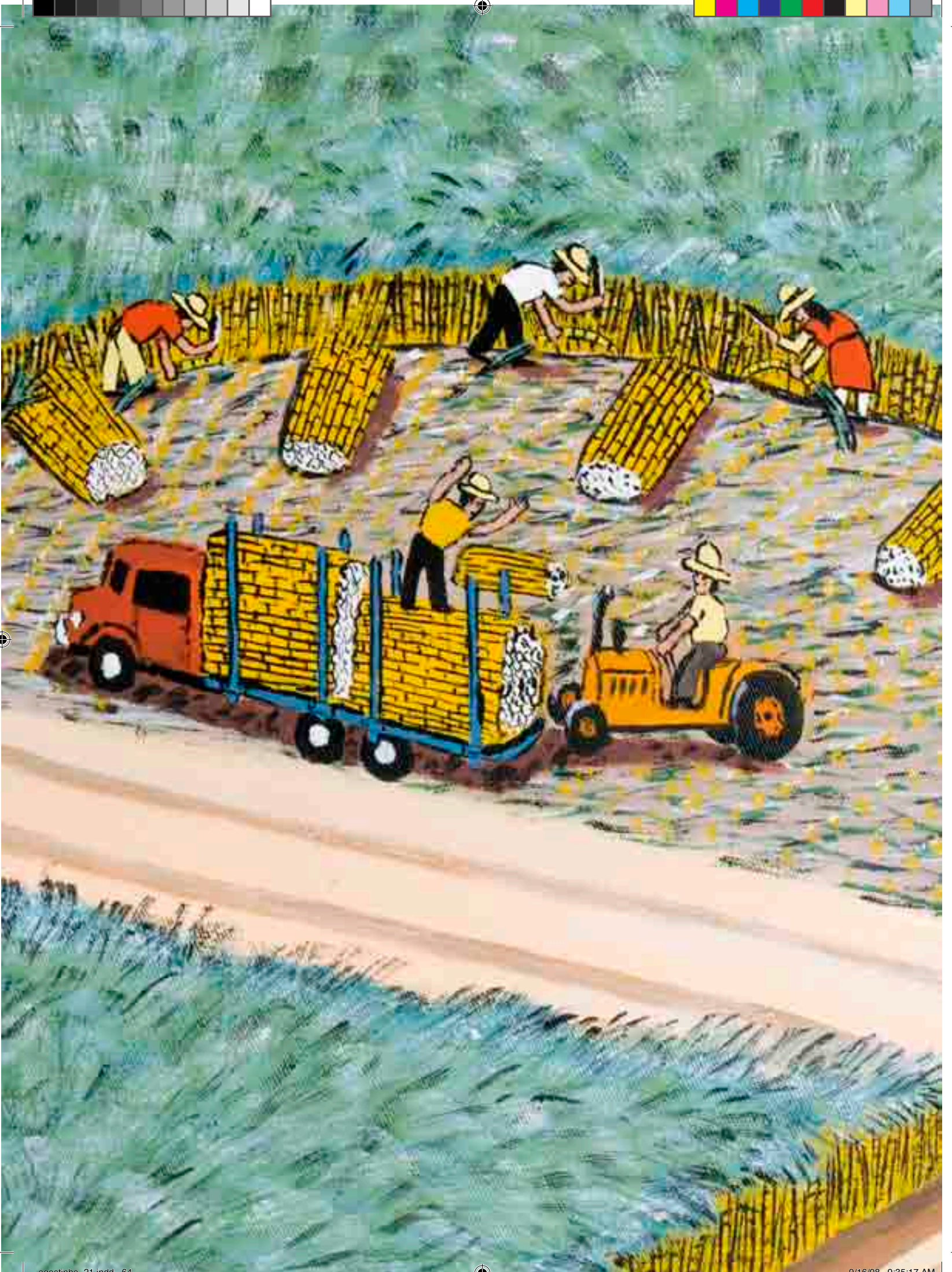






Campo de Futebol
80x125cm







roça





Roça
55x145cm

Fazenda
55x145cm





Povoado
55x145cm

Cidade
55x145cm





Roça
70x125cm

Pôr do Sol na Roça
60x145cm





Pescaria
70x140cm

Queimada
70x150cm





Colheita de Café
80x125cm

70





Colheita de Cana
90x100cm







Colheita de Algodão
90x150cm





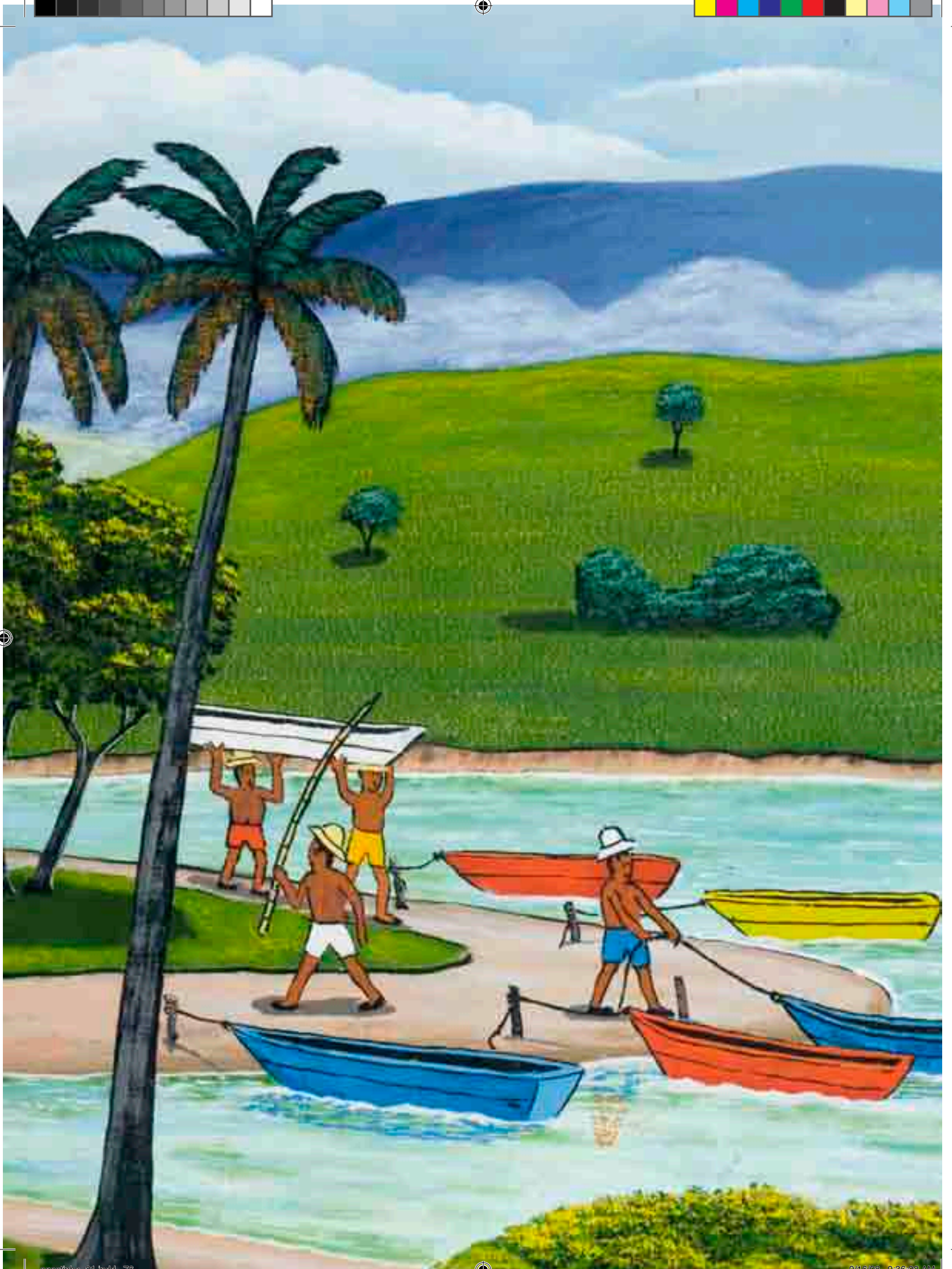
Trem
70x50cm





Colheita de Trigo
80x120cm







Pescadores
75x100cm





Roça à noite
75x100cm





Roça à noite
50x70cm





Barco
50x70cm

80





Pescadores
50x70cm





Serra do Mar
90x150cm

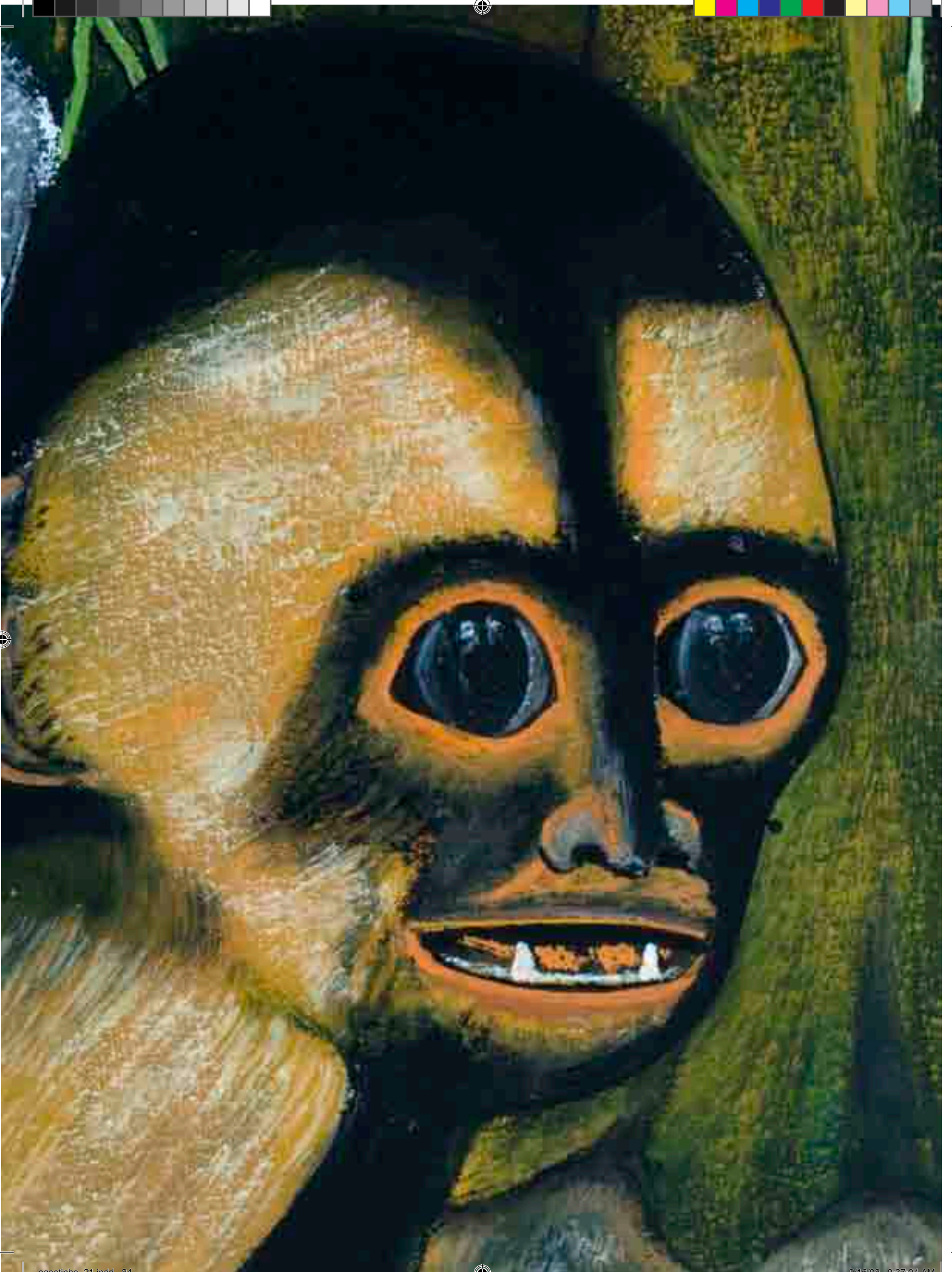
82





Rio
55x70cm







Macaco
50x70cm





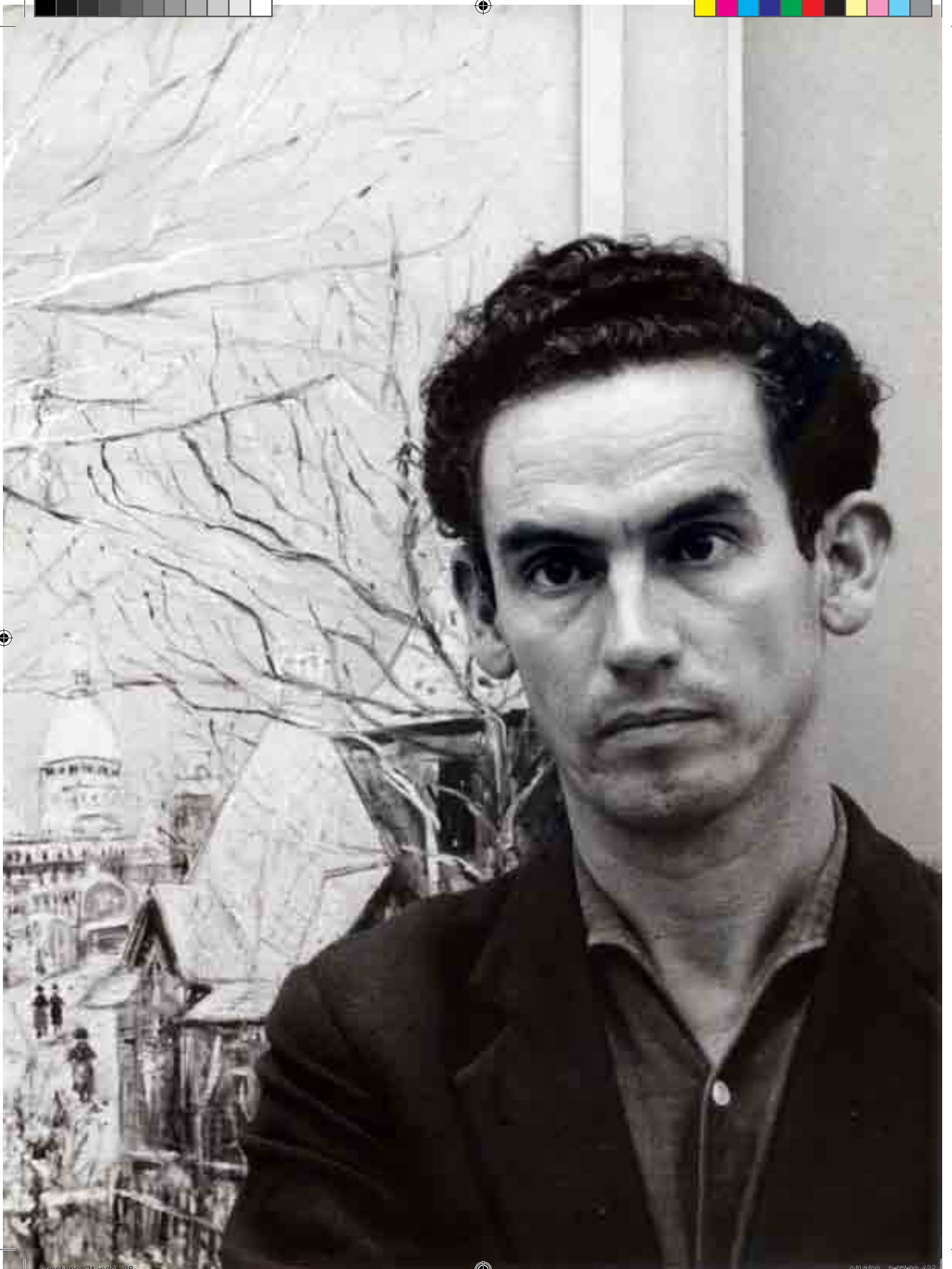
Texto autobiográfico manuscrito por
Agostinho Batista de Freitas (Biblioteca e
Centro de Documentação do Museu de Arte
de São Paulo Assis Chateaubriand)



São Paulo

Mãe de um Campesino
No ano de 1928 da 2ª de Outubro
o primeiro livro que eu fiz foi
trabalhar na casa até 49 anos. depois
me fui para São Paulo. trabalhei numa fabrica
de brinquedo. era mãe foi mandado embora
por fazer desobediência de diverso.
depois eu comecei a trabalhar de ajudante de
detalhista. aprendi agora eu com um feil de latão
na casa de folia tentei a pintura por eu e promissas
Quadros que eu pintei foi o retrato de chá e outros
quando ali passa o professor. mandou que eu pintasse
os quadros e verbi a. museu. dali comecei a pintar
Comecei no ano de 1952 a pintar

Artista Pintor de Juntos





Cronologia da vida de Agostinho Batista de Freitas

¹ Torna-se município apenas em 1964

1927 - Nasce Agostinho Batista de Freitas, em Paulínia¹, distrito de Campinas, SP, em 12 de outubro

1938 - Passa a viver em São Paulo, SP

circa. 1950 - São Paulo, SP - Inicia-se na pintura. Vende seus trabalhos no Viaduto do Chá

1952 - São Paulo, SP - Pinta, sob encomenda de Pietro Maria Bardi, a obra *Vista de São Paulo*, um registro da vista panorâmica da cidade, observada do alto do edifício do Banco do Estado de São Paulo. Esta obra passa a fazer parte da coleção particular do então diretor do MASP

1952 - São Paulo, SP - Exposição individual, no Masp, organizada por Pietro Maria Bardi, que o havia descoberto

1952 - São Paulo, SP - Exposição individual, no MAM/SP

1952 - Salvador, BA - Exposição individual no MAM/BA

1952 - Campinas, SP - Exposição individual no MACC

1966 - Rio de Janeiro, RJ - Exposição individual no MAM/RJ

1966 - Veneza (Itália) - Participa da 33ª Bienal de Veneza

1971 - São Paulo, SP - Exposição individual na OPUS - Galeria de Arte

1975 - Estados Unidos - Exposição itinerante 19 Brazilian Primitives

1978 - São Paulo, SP - Exposição individual Agostinho Batista de Freitas: pinturas, no Centro de Artes Shopping News

1979 - São Paulo, SP - Exposição Arte no Brasil: uma história de cinco séculos, no Masp

1980 - Cidade do México (México) - Exposição *Pintores Populares y 3 Grabadores de Brasil*, no Instituto Nacional de Bellas Artes

1980 - São Paulo, SP - Exposição individual na Paulo Figueiredo Galeria de Arte

1985 - São Paulo, SP - Exposição individual na José Duarte de Aguiar e Ricardo Camargo Galeria de Arte

1988 - São Paulo, SP - Exposição *Brasiliana: o homem e a terra*, na Pinacoteca do Estado

1990 - São Paulo, SP - Exposição coletiva na Pinacoteca do Estado

1996 - São Paulo, SP - Exposição *O Mundo de Mário Schenberg*, na Casa das Rosas

1997 - Morre Agostinho Batista de Freitas em São Paulo, SP

Agostinho Batista de Freitas diante da pintura de Maurice Utrillo, *Sacré-Coeur de Montmartre e Château de Brouillards*, do MASP





Curadoria

Vilma Eid

João Grinspum Ferraz

Coordenação e Supervisão

João Grinspum Ferraz

Textos

João Grinspum Ferraz, Pietro Maria Bardi, Roberto Rugiero, Vilma Eid

Pesquisa

João Grinspum Ferraz, Juliana Azem Ribeiro de Almeida

Fotografias

João Liberato de Souza Vidotto, Luiz Hossaka

As imagens das p.6, p.87 e p.88 foram gentilmente cedidas pela Biblioteca e Centro de Documentação do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Design e Produção Gráfica

Juliana Azem Ribeiro de Almeida

Projeto Expográfico

Gabriel Grinspum

Revisão

Flávio Carvalho Ferraz

Agradecimentos

Aginaldo de Oliveira Jr., Antônio Bei, Breno Krasilchik, Cassio Vasconcelos, Claudio Nakai, Emanuel Araujo, Eugênia e Francisco Esmeraldo, Helena Tassara e Flávio Carvalho Ferraz, Ivani di Grazia Costa, Isaac Krasilchik, Ivete Maluf Moussalli, José Tassara Ferraz, José Roberto Maluf, Luiz Hossaka, Marcelo Carvalho Ferraz, Odete e Marcus Arruda, Ramez Risk, Ricardo Camargo, Roberto Rugiero, Rose Maluf, Sara e Jenner Accioly, Vera e Ugo di Pace e a equipe da Galeria Estação.

Instituto Lina Bo Bardi, Museu de Arte de São Paulo MASP

Exposição inaugurada em 1 de outubro de 2008, na Galeria Estação, São Paulo



rua ferreira de araujo, 625 | pinheiros | são paulo | sp | 05428 001
t. 11 3813 7253 | www.galeriaestacao.com.br







